

O interdiscurso na polêmica sobre os transgênicos: pré-construídos e simulacros

The interdiscourse in the polemic about transgenics: pre-constructed and simulacra

Anna Flora Brunelli
UNESP/Campus de São José do Rio Preto

Abstract

This paper aims at understanding the thesis of the constitutive heterogeneity of discourses, by emphasizing the pre-constructed. By analyzing the anti-transgenics discourse, we have verified that the constructions directly related to the interdiscourse (the pre-constructed and simulacra) do not originate from the interdiscourse itself, which is considered as the totality of discourses that coexist in a given situation. Rather, such constructions originate from specific discourses. The data have confirmed the idea that a discourse does not originate from a return to the things themselves, but rather from a work on other discourses (cf. MAINGUENEAU, 1989). In other words, a discourse originates from a work on the discourses to which it relates itself in a precise and relevant manner, including, for example, relations of alliance or opposition (cf. POSSENTI, 2003).

Keywords

Interdiscourse; pre-constructed; simulacrum; transgenics.

Resumo

Neste trabalho, refletimos sobre a tese da heterogeneidade constitutiva dos discursos, enfatizando a questão dos pré-construídos. Analisando um discurso específico, isto é, o discurso antitransgênicos, verificamos que construções diretamente relacionadas ao interdiscurso (pré-construídos e simulacros) não provêm exatamente do interdiscurso, se for considerado como a totalidade dos discursos que convivem em uma dada conjuntura, mas de discursos específicos. Os dados corroboram a ideia de que um discurso não nasce de um retorno às coisas em si, mas de um trabalho sobre outros discursos (cf. MAINGUENEAU, 1989), ou, mais exatamente, que um discurso nasce de um trabalho sobre os discursos com os quais mantém relações precisas e relevantes, por exemplo, de aliança ou de oposição (cf. POSSENTI, 2003).

Palavras-chave

Interdiscurso; pré-construído; simulacro; transgênicos.

Introdução

Neste trabalho, analisamos alguns aspectos relativos ao discurso antitransgênicos, com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso francesa (AD, doravante). Mais exatamente, analisamos alguns casos de pré-construídos (cf. PÊCHEUX, 1988) e alguns casos de simulacros (cf. MAINGUENEAU, 2005) encontrados em textos representativos desse discurso, procurando refletir sobre as suas condições de emergência e circulação. A escolha dessas noções como fio condutor da análise se deve ao fato de que se trata de noções diretamente ligadas à tese da heterogeneidade constitutiva dos discursos, uma das mais caras à AD. Sendo assim, pela análise, procuramos não só elucidar alguns aspectos de um discurso que trata da questão dos transgênicos, tema atual e bastante polêmico no país, como também, embora mais modestamente, refletir sobre uma questão pertinente para a AD.

1. Interdiscurso e pré-construídos na Análise do Discurso francesa

Segundo a AD, os discursos são heterogêneos, do ponto de vista constitutivo, pois são produtos do interdiscurso. Tratando da relação formação ideológica-formação discursiva, Pêcheux, um dos fundadores dessa disciplina, faz a seguinte afirmação acerca do papel constitutivo do interdiscurso:

o ponto de exterioridade relativa de uma formação ideológica em relação a uma formação discursiva se traduz no próprio interior desta formação discursiva: ela designa o efeito necessário de elementos ideológicos não discursivos (representações, imagens ligadas a práticas, etc). numa determinada formação discursiva. Ou melhor, no próprio interior do discurso, ela provoca uma defasagem

que reflete esta exterioridade. Trata-se da defasagem entre uma e outra formação discursiva, a primeira servindo de algum modo de matéria-prima representacional para a segunda, como se a discursividade desta matéria-prima se esvanecesse aos olhos do sujeito falante (PÊCHEUX; FUCHS, 1975, p.168).

Fica claro, então, que uma formação discursiva constitui-se a partir do interdiscurso, isto é, de outras formações que nela intervêm. Por sua vez, essa formação discursiva pode funcionar – juntamente ao lado de outras – como matéria-prima para uma nova formação discursiva. Em outras palavras: todo processo discursivo não tem origem, início, uma vez que se constitui sempre partindo de um outro processo discursivo (constituído da mesma forma).

De acordo com Maingueneau (1989), essas ideias sobre as relações entre os discursos são uma reação da AD à tendência estruturalista de fechar os discursos sobre si mesmos, conforme se pensava na década de 1960. Segundo o autor, qualquer formação discursiva, por causa da heterogeneidade que a constitui, deve ser concebida como uma realidade heterogênea por si mesma, cujo fechamento sempre instável, “é uma espécie de fronteira que se desloca em função dos embates da luta ideológica” (MAINGUENEAU, 1989, p. 112).

O interdiscurso é o responsável pelo movimento da formação discursiva, organizando a reconfiguração constante na qual tal formação discursiva incorpora elementos “produzidos fora dela, com eles provocando sua redefinição e redirecionamento” ao mesmo tempo em que há uma retomada de seus próprios elementos para a sua confirmação ou para o “apagamento, o esquecimento ou mesmo a denegação de alguns desses elementos” (MAINGUENEAU, 1989, p. 113). Os elementos produzidos fora dela são chamados de pré-construídos.

Desse modo, a presença do interdiscurso no discurso pode ser atestada por meio dos pré-construídos. A expressão “pré-construído” é definida como sendo o que remete a uma construção anterior, exterior e independente, oposto ao que é construído pelo enunciado. Mais exatamente, o pré-construído corresponde ao “sempre-já-aí da interpelação ideológica que fornece-impõe a realidade e seu sentido sob a forma da universalidade (o mundo das coisas)” (PÊCHEUX, 1988, p.164).

O pré-construído tem recebido destaque nos estudos da AD, porque é, justamente, “o ponto em que se pega o interdiscurso, reinscrição sempre dissimulada, no intradiscurso, dos elementos do interdiscurso” (MALDIDIER,

1990, *apud* COLLINOT; MAZIÈRE, 1994, p. 185). O pré-construído é, então, o responsável pelo fio do discurso, por sua organização, o que permite dizer que o intradiscurso é um efeito do interdiscurso.

Refletindo sobre a questão do interdiscurso, tal como é tratada nos trabalhos da Pêcheux e de Courtine, Possenti (2003) afirma que os pré-construídos de uma “formação discursiva” (doravante FD) não são exatamente da ordem do interdiscurso, isto é, não relevam dele, se for considerado como o “todo complexo com dominante das formações discursiva” (cf. PÊCHEUX, 1975, p.162). O autor fornece exemplos – curiosamente alguns retirados dos próprios textos de Pêcheux e de Courtine – que atestam claramente que os pré-construídos assumidos por um discurso provêm do próprio discurso ou de discursos com os quais mantém relações de aliança. Já os recusados são da ordem dos discursos com os quais mantém relações de oposição. Desse modo, os pré-construídos não são fornecidos pelo interdiscurso, considerando a sua totalidade. Segundo Possenti, nesse sentido, o interdiscusso fala “antes”, mas não necessariamente “alhures”, como no caso dos pré-construídos retomados por um determinado discurso. A esse respeito, o autor afirma:

(...) o todo complexo põe à disposição um conjunto X de pré-construídos, mas, para cada sujeito, ou para cada comunidade de sujeitos (ou ainda, para cada FD) só são selecionados os pré-construídos aceitos para essa FD. Dizendo de outro modo, só estão disponíveis, para cada FD, os pré-construídos cujo sentido é evidente para essa FD. (POSSENTI, 2003, p. 256).

A esse respeito, parece-nos possível dizer que, de um certo modo, o próprio Pêcheux nos alerta sobre esse modo de funcionamento do interdiscurso. Discutindo a dependência de uma formação discursiva com relação ao interdiscurso, mais exatamente no que diz respeito à transparência de sentido que nela se forma, Pêcheux afirma que:

a metáfora, constitutiva do sentido, é sempre determinada pelo interdiscurso, isto é, por uma **região** do interdiscurso. Um esclarecimento sobre esse ponto: o interdiscurso não intervém jamais como uma globalidade, um “todo” gestaltista onipresente em sua causalidade homogênea. A exemplo do “todo complexo com

dominante das formações ideológicas” no qual está intrincado, o interdiscurso é fundamentalmente marcado pelo que chamamos a lei da não conexidade. (PÊCHEUX, 1988: 263; o grifo é nosso)

Do ponto de vista de Possenti, para uma análise discursiva, é mais vantajoso, justamente por ser mais operacional, adotar uma concepção de interdiscurso como exterior específico que domina um discurso (cf. COURTINE, 1981, *apud* POSSENTI, 2003, p. 256), ou seja, o(s) discurso(s) com os quais o discurso em questão mantém uma relação específica e relevante (de aliança ou de oposição, por exemplo).

Com base nas reflexões de Possenti, analisamos aqui alguns casos de construções ligadas ao interdiscurso – pré-construídos e simulacros – que encontramos num conjunto de textos que o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST, doravante) disponibilizou em seu *site* na internet sobre os transgênicos, no período que se estendeu do final de 2001 até o final de 2005.¹ O MST é uma organização que apoia a “Campanha por um Brasil Livre de Transgênicos”, campanha idealizada por um conjunto de ONGs que acreditam que o uso dos transgênicos pode ser prejudicial à saúde, ao meio ambiente e à economia do país. No período em questão, o MST disponibilizou 37 textos em seu *site*, no item “campanhas/transgênicos”. A maior parte dos textos é de 2003, quando o debate sobre os transgênicos se tornou mais intenso, em razão da edição das medidas provisórias 113 e 131, relativas à produção e a comercialização dos transgênicos, posteriormente convertidas em leis (lei 10. 688, de 13 de junho de 2003 e Lei 10814, de 15 de dezembro de 2003). Nos próximos itens deste trabalho, apresentamos alguns aspectos do discurso em questão, considerando as relações que estabelece com outros discursos.

2. O discurso antitransgênicos

No Brasil, a adoção dos transgênicos, organismos geneticamente modificados, é um tema bastante controverso, a respeito do qual vários segmentos da nossa sociedade têm se manifestado, assumindo posturas antagônicas: alguns são radicalmente contra a comercialização de sementes e de produtos derivados de transgênicos, como o MST, e outros estão veementemente a favor, como é o caso da Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento).

Como se trata de uma questão bastante polêmica, entendemos que esse é um tema interessante e bastante propício para um estudo desenvolvido sob o ponto de vista discursivo e para uma investigação da relação que os discursos estabelecem entre si.

Assim, conforme já dito, neste trabalho, analisamos alguns casos de pré-construídos e de simulacros presentes em textos que versam sobre a questão dos transgênicos e que foram disponibilizados no *site* do MST, no link “transgenicos”, dentro do link “campanha”, no período de 2001 até o final de 2005. Do ponto de vista do gênero, trata-se de um material consideravelmente heterogêneo, pois, apesar de haver muitos artigos de jornal (de fontes diversas, algumas inclusive não identificadas), há também cartas, listas (de razões para ser contra os transgênicos e lista de produtos transgênicos), entrevistas e textos mais heterogêneos, cuja classificação não é óbvia,² pois divulgam alguma notícia sobre os transgênicos articulando-a a um convite (para participar de algum ato da Campanha), ou a um modelo de mensagem contra a liberação dos transgênicos a ser enviada a deputados e senadores. Na maior parte desses textos, percebemos um discurso claramente contrário aos transgênicos. No entanto, há também um ou outro texto nos quais esse discurso não é evidente (por exemplo, há um pequeno texto no qual se informa que a Monsanto – a multinacional de produtos agropecuários que produz as sementes de soja transgênica plantadas no país e o herbicida a ela associado – havia fechado um trimestre fiscal com um prejuízo de 188 milhões de dólares). Apesar disso, podemos dizer que também estão a serviço desse discurso, tendo em vista as relações que estabelecem com os outros textos veiculados concomitantemente na campanha, independentemente da leitura que podemos fazer desses textos se considerados de forma independente. Assim, no caso em questão, saber que a Monsanto teve prejuízo é relevante para entender os seus interesses na liberação do plantio e do comércio dos transgênicos no país.

Quanto à questão da heterogeneidade, percebemos que o discurso antitransgênicos se constrói especialmente partindo do discurso político, mais exatamente, o discurso de esquerda, presente em mais da metade dos textos do *corpus*. Além disso, notamos também que em vários textos do *corpus* (36%) fazem menção à Monsanto. Na campanha em análise, os transgênicos estão diretamente associados aos interesses das multinacionais, por isso podemos dizer que os textos que fazem menção à Monsanto reforçam a tendência da campanha

de se desenvolver no terreno político, por meio de enunciados típicos de um discurso de esquerda, contrário à expansão do capital, conforme podemos perceber nos exemplos a seguir:

- (01) (...) o que está em disputa não é só o uso de um conhecimento e um instrumento tecnológico, mas sim dois modelos de desenvolvimento rural: “um centrado no latifúndio, controlado pelos grandes grupos multinacionais e baseados nas monoculturas dependentes dos insumos químicos e outro centrado nas pequenas e médias unidades de produção agropecuária, (...). (Agricultores gaúchos pretendem plantar soja transgênica com ou sem lei)
- (02) A insistência das empresas multinacionais em liberar as sementes transgênicas está ligada unicamente à sua necessidade de aumentar o lucro. Pois apenas dez empresas controlam essas sementes em todo o mundo. (A herança envenenada de FHC)
- (03) Estamos enfrentando uma nova fase da dominação capitalista no campo. Fruto das revoluções tecnológicas ocorridas nos últimos anos (...), as grandes empresas fornecedoras de insumos para a agricultura estão se modernizando e buscando novas formas de garantir e ampliar seus mercados consumidores, além de garantirem a dependência dos agricultores aos seus produtos. Podemos considerar este processo como a globalização chegando ao campo de maneira mais contundente. (Posição do MST sobre os transgênicos)
- (04) A ciência é utilizada pelos poderosos para dominar o mundo. Ciência muitas vezes é dominação, é concentração de riquezas às custas (sic) da miséria. (O governo entrou na arapuca dos transgênicos)
- (05) As pesquisas de sementes e produtos transgênicos realizadas pelas empresas visam apenas aumentar suas taxas de lucro e não melhorar o bem estar da população. (Dez razões para ser contra os produtos transgênicos)
- (06) O domínio da biotecnologia e o uso dos transgênicos está levando a um processo de controle oligopólico em todo mundo, das sementes por parte de apenas oito grandes grupos econômicos. (Dez razões para ser contra os produtos transgênicos)

- (07) O racionalismo industrial vigente sempre se antecipa, induz, desvia e conduz os processos como deseja. As empresas estão interessadas em mercado para os seus produtos e contam com aliança dos governos locais. (Engenharia genética ou marketing)
- (08) (...) o patenteamento em curso tornará os transgênicos propriedade exclusiva dos grupos econômicos, lesando a soberania alimentar do Brasil e dos demais países, que vão depender dos proprietários das patentes. (O risco dos transgênicos)
- (09) (...) prevê-se a rápida diminuição da pequena e média agricultura que serão dominadas pelo monopólio da produção das empresas transnacionais (O risco dos transgênicos)
- (10) Formam-se gigantescos conglomerados empresariais, que dominam ao mesmo tempo o setor de sementes e agrotóxicos tornando-se o mercado sujeito a uma perversa oligopolização. (Quem e para quem se produz (sic) transgênicos)
- (11) A rigor, as intensas pressões por uma legislação urgente no Brasil, permissiva aos OGMs, sem as cautelas devidas, estão associadas, em última instância, aos interesses econômicos dos conglomerados da química e da biotecnologia, tendo a soja RR como carro-chefe. (Carta do MST ao Presidente sobre o Projeto de Lei de Biossegurança)
- (12) É possível ter sementes e alimentos sadios (...) sem depender de transgênicos. A fome existente no mundo e no Brasil não é decorrente da falta de alimentos, mas do modelo econômico concentrador de renda e de riqueza que impede muitas pessoas de terem acesso aos alimentos necessários para uma vida saudável. (Dez razões para ser contra os produtos transgênicos)

Quanto ao fato de estarmos considerando os enunciados em questão como representativos do discurso de esquerda, remetemo-nos a Motta e Possenti (2008). Nesse trabalho, com base nas reflexões de Bresser-Pereira (2007), os autores comparam o discurso de esquerda ao da direita, e afirmam que, nos termos de uma semântica global (MAINGUENEAU, 2005), /igualdade/ e /justiça/ seriam os semas fundamentais do discurso de esquerda, enquanto os de direita seriam /diferença/ e /ordem/. Para esses discursos, semas secundários seriam

os relativos ao papel da Sociedade (maior para a esquerda), do Estado (maior para a esquerda, para corrigir desigualdades sociais; para direita, só é maior quando se trata de impor a ordem) e do Mercado (menor para a esquerda). Desse modo, um posicionamento típico de esquerda é priorizar a justiça social. Considerando especialmente como deve ser o papel do Mercado na óptica da esquerda, podemos dizer também que é típico do posicionamento de esquerda não aceitar os avanços do capital, que podem gerar, desse ponto de vista, mais injustiça e desigualdade social; daí a relação entre os enunciados citados e o discurso de esquerda.

Considerando fragmentos como os citados, podemos dizer que ser contrário aos transgênicos é ser contrário aos interesses das multinacionais, ao seu crescimento e, conseqüentemente, ao modelo econômico que as sustentam, o que é, obviamente, condizente com o posicionamento ideológico do MST, favorável à reforma agrária, à pequena agricultura, e contrário à formação de monopólios.

2.1. Os pré-construídos e simulacros do/no discurso antitransgênicos

Analisando os textos do *corpus*, verificamos que os pré-construídos encontrados provêm de discursos que mantêm relações de oposição. Vejamos alguns exemplos:

- (13) As sementes transgênicas não estão ligadas ao aumento da produtividade, mas, sim, ao necessário uso de agrotóxicos produzidos pelas mesmas empresas! (Transgênicos – A herança envenenada de FHC)

No exemplo (13) o pré-construído retomado (“o necessário uso de agrotóxicos produzidos pelas mesmas empresas”) não provêm de outro discurso a não ser do próprio discurso antitransgênicos, conforme atestam outros enunciados ligados a esse discurso. Vejamos alguns exemplos, todos retirados do *corpus* em análise:

- (14) os transgênicos (...) podem provocar alergias alimentares, assim como aumentar os níveis de agrotóxicos permitido (sic) pela legislação. (Transgênicos: principais conseqüências dos transgênicos)

- (15) As empresas multinacionais que hoje dominam a produção de transgênicos (...). Um dos seus objetivos na pesquisa dos transgênicos é favorecer a venda dos seus próprios agrotóxicos. (Transgênicos: quem e para quê se produz transgênicos)
- (16) (...) [a produção de sementes e alimentos transgênicos] Além de estimular o uso de agrotóxicos (...). (Posição do MST sobre transgênicos)
- (17) Notem que a Monsanto, que desenvolveu estas sementes transgênicas, é também quem produz o herbicida ao qual elas resistem. (Transgênicos: Monsanto veicula propaganda enganosa)
- (18) Pelo contrário, as plantas resistentes a herbicidas têm consumido maiores quantidades de herbicida do que as convencionais (...). (Transgênicos: Monsanto veicula propaganda enganosa)
- (19) E conforme acabamos de citar, não se nota diminuição no uso de agrotóxicos nestas lavouras. Também é relevante observar que nos últimos anos o consumo de glifosato (princípio ativo do herbicida Roundup) no Rio Grande do Sul quase triplicou – justamente no período em que se alastrou o cultivo ilegal da suja transgênica naquele estado. (Transgênicos: Monsanto veicula propaganda enganosa)

Já o pré-construído negado do exemplo 13, isto é, “o aumento da produtividade” provém do discurso pró-transgênicos e retoma outros enunciados desse discurso, tais quais os enunciados³ a seguir:

- (20) Os principais benefícios [do milho Bt e do algodão Bt, ambos transgênicos] são a redução do uso de inseticidas, o aumento da produtividade (melhor controle de insetos), qualidade do produto final (menos fungos e micotoxinas) e a facilidade do uso, pois a proteína bioinseticida presente na planta reduz os riscos da intoxicação pelo uso de defensivos (Biotecnologia, p.6)
- (21) Por que os produtores do mundo inteiro optam por plantar sementes transgênicas? Duas razões básicas: (...) Segunda: aumento de produtividade e qualidade do produto final no caso das sementes resistentes a insetos. (Biotecnologia, p. 7).

Isso também acontece com os pré-construídos presentes nos primeiros exemplos apresentados, que dizem respeito ao discurso de esquerda, um dos discursos que constituem o discurso antitransgênicos. Como podemos observar, pré-construídos como “à sua necessidade de aumentar o lucro”⁴ (do exemplo 2) e “a dependência dos agricultores aos seus produtos”⁵ (exemplo 3) provêm não do interdiscurso tomado como um todo, mas do próprio discurso de esquerda, contrário aos avanços do capital.

Possenti (2003) também chama a atenção para outras construções cujo efeito é idêntico ao do pré-construído e que, no entanto, não se encontram no interdiscurso, ou seja, são construções que, a rigor, não pertencem a discurso nenhum efetivo que as reivindicaria como construções legítimas. A explicação para o seu aparecimento é dada por Maingueneau (2005), que as entende como efeito da relação polêmica que um discurso mantém constitutivamente com o seu outro. Essas construções, chamadas pelo autor de simulacro, só surgem como efeito da polêmica, por isso Possenti destaca o fato de serem “constitutivamente interdiscursos”. Trata-se de uma espécie de leitura distorcida que um discurso faz dos objetos de discurso do outro com base em suas próprias categorias (ou seja, das categorias do discurso que faz a leitura e não do que é lido). Desse modo, os simulacros nos permitem apreender a identidade de um discurso, o que fazem revelando o que não pode ser aceito ou dito da margem da qual emergem. Vejamos um exemplo encontrado no *corpus*:

- (22) Do ponto de vista que predomina no governo – o do economicismo acima das contingências existenciais – a liberação da soja transgênica será como um presente aos agricultores dos Estados Unidos, reconhecidos pelo governo Lula como beneficiários de subsídios e outros favorecimentos que prejudicam a produção agrícola e as exportações brasileiras. Mesmo com o protecionismo, as exportações da soja transgênica americana são dificultadas, pela preferência européia por soja normal, caso da brasileira, ainda que com preço maior. (Transgênicos – Em má hora)

Esse fragmento pertence a um artigo escrito por Janio de Freitas que foi publicado na *Folha de S. Paulo* e posteriormente divulgado entre os textos da campanha do MST. Nesse artigo, publicado no final de agosto de 2003, depois que a medida provisória n. 113 foi transformada na lei n. 10.688, de junho de 2003, Jânio de Freitas comenta uma declaração feita então pelo Presidente Lula sobre

a sua mudança de opinião quanto aos transgênicos (Lula, que se dizia contra os transgênicos, conforme informa inclusive um dos textos da campanha, estaria mudando de opinião em função de informes científicos). Mais exatamente, cobra do governo uma definição “mais clara e firme” sobre a questão, acusando-o de “criar percursos burocráticos” que, no fundo, favoreceriam os interesses da Monsanto. No fragmento, os termos “economicismo” e “protecionismo”, dados como evidentes, não provêm de um discurso específico que os reconheça como legítimos. Na verdade, como podem ser tomados como reprovações a medidas que privilegiam questões econômicas e também medidas de proteção de mercado em detrimento de interesses coletivos, podem ser considerados como simulacros que o discurso de esquerda gera dessas medidas. Essas medidas são lidas, no discurso em questão, respectivamente como “economicismo” e “protecionismo”, embora não possam ser encontradas dessa forma num outro discurso que as considere legítimas. Elas são casos de construções geradas na polêmica, entre discursos que defendem opções contrárias, ou melhor, contraditórias quanto à natureza das medidas econômicas. Trata-se, portanto, de mais um exemplo de que o interdiscurso de um discurso qualquer não é o universo dos discursos de todos os tipos que interagem numa conjuntura dada. Nos termos de Maingueneau (2005), o outro de um discurso é o que lhe faz falta sistematicamente; é aquilo que o discurso precisou sacrificar para construir sua identidade. A essa falta liga-se o caráter essencialmente dialógico de todo enunciado do discurso e, conseqüentemente, a impossibilidade de dissociar no próprio intradiscurso a interação dos discursos. No caso em questão, por exemplo, compreendemos as ocorrências de “economicismo” e de “protecionismo” somente se considerarmos a relação polêmica que o discurso no qual emergem, no caso o discurso de esquerda, estabelece com o seu outro, isto é, um discurso pró-capital.

Outro caso interessante de simulacro se encontra no exemplo 12, anteriormente citado, no qual o sintagma “o modelo econômico concentrador de renda e de riqueza que impede muitas pessoas de terem acesso aos alimentos necessários para uma vida saudável” é uma expressão que emerge da relação polêmica que há entre o discurso de esquerda e o pró-capital, e que leva o de esquerda a criar uma versão negativa do que o outro propõe como modelo econômico legítimo. Assim, o que seria, nos termos de um discurso favorável à ideologia capitalista, autonomia de mercado, liberalismo econômico, desenvolvimento

econômico, etc., no de esquerda é um “modelo econômico concentrador de renda e de riqueza” que provoca mais desigualdade social.

Para finalizar, vejamos mais um caso de simulacro:

- (23) As aventuras genéticas dos produtores gaúchos resultaram em um equívoco que seria cômico, não fosse temerário. (Fazendeiros gaúchos pagam até 200 dólares por saco de “supersementes” de soja)

Nesse exemplo, o sintagma “as aventuras genéticas dos produtores gaúchos” refere-se ao plantio de soja transgênica no Rio Grande do Sul. Do ponto de vista de um discurso favorável aos transgênicos, plantar soja transgênica é uma opção ligada a aumento de produtividade e de qualidade de produto e à diminuição de custos (entre outros motivos), ou, nos próprios termos desse discurso: “produtores do mundo inteiro plantam transgênicos por opção técnica e econômica, pela maior rentabilidade e pelo menor impacto ambiental que esses produtos oferecem” (Biotecnologia, p.7). Entretanto, do ponto de vista de um discurso contrário aos transgênicos, é uma aventura genética, ou seja, a “opção técnica e econômica” de um discurso é entendida como uma “aventura genética” da óptica do seu outro. A emergência da expressão “aventura genética” fica mais compreensível quando consideramos outras passagens dos textos em análise, nas quais as referências ao plantio de soja transgênica no Rio Grande do Sul são sempre negativas, associando-o à ilegalidade e a problemas de plantio (maior uso de herbicida, aumento de custos, problemas de germinação, etc.). Vejamos alguns exemplos:

- (24) “(...) Sabemos também que nos últimos anos (1998 a 2001, dados do IBAMA) quase triplicou o consumo de glifosato no Rio Grande do Sul e isto está ligado ao plantio da soja transgênica”, alerta o comunicado. (Entidades de defesa do consumidor se pronunciam contra Monsanto)
- (25) (...) o quadro herdado de desobediência civil, notadamente no estado do Rio Grande do Sul, decorrente da propagação do plantio ilegal da soja geneticamente modificada. (Carta do MST ao Presidente sobre o Projeto de Lei de Biosegurança)
- (26) Soja transgênica plantada clandestinamente no Rio Grande do Sul apresenta graves problemas de germinação. (A soja que não nasce)

Enfim, como nos casos anteriores, a expressão em análise (tanto o seu efeito de sentido quanto a sua emergência) só pode ser bem compreendida quando consideramos a relação mais estreita que há entre os discursos que a envolvem (aquele no qual ela emerge e aquele com o qual ela polemiza).

3. Considerações finais

Neste trabalho, procuramos contribuir com o debate a respeito da heterogeneidade constitutiva dos discursos, analisando alguns casos de pré-construídos e de simulacros de discursos envolvidos no debate sobre a adoção de transgênicos no Brasil. A análise indica que, como os discursos mantêm relações especiais com certos discursos, uma forma produtiva de compreendê-los é desenvolver a sua análise considerando efetivamente essas relações.

Notas

¹ Todos os textos que fazem parte de nosso *corpus* estavam disponíveis no *site* do MST, no link “transgencios”, que se encontrava dentro do link “campanhas” (<www.mst.org.br/campanha/transgenicos/indice.html>), até o final de 2005. Atualmente, nesse *site*, os textos do *corpus* não podem mais ser acessados, mas há outros disponíveis (cf. <<http://www.mst.org.br/especiais/8>>).

² A esse respeito, vale lembrar que a dificuldade de classificar alguns gêneros está ligada diretamente à sua relativa estabilidade, conforme especialmente as reflexões promovidas pela óptica de Bakhtin sobre a questão.

³ Esses exemplos foram retirados de uma brochura “Biotecnologia”, um material de divulgação produzido por três grupos ligados à produção de sementes no Brasil, a ABRASEM (Associação Brasileira de Semente e Mudanças), a ABRATES (Associação Brasileira de Tecnologia de Sementes) e a BRASPOV (Associação Brasileira dos Obtenedores Vegetais).

⁴ Isto é, a necessidade de as empresas multinacionais aumentarem o lucro (cf. exemplo 2).

⁵ Isto é, a dependência dos agricultores aos produtos das multinacionais (cf. exemplo 3).

Referências

COLLINOT, A.; MAZIÈRE, F. A língua francesa: pré-construído e acontecimento linguístico. In: ORLANDI, E. (Org.). *Gestos de leitura*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994. p.185-199.

Bioc tecnologia: fatos e dados sobre os transgênicos no Brasil e no mundo. ABRASEM, BRASPOV, ABRATES. Sd.

BRESSER-PEREIRA, L.C. Esquerda nacional e empresários na América Latina. *Lua Nova*, São Paulo, n.70, p.83-100, 2007.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes & Editora da UNICAMP, 1989.

MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. Curitiba: Criar Edições, 2005.

MOTTA, A.R.; POSSENTI, S. Direita e esquerda: volver! In: 1ª Jornada Internacional de Estudos do Discurso, 2008, Maringá. *Anais eletrônicos...* Maringá: UEM, 2008. Disponível em: <<http://www.dle.uem.br/jied/pdf/DIREITA%20E%20ESQUERDA%20motta%20e%20possenti.pdf>> Acesso em: 21 jan. 2009.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1988.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993, p.163-252.

POSSENTI, S. Observações sobre interdiscurso. *Revista Letras*, Curitiba, n.61, p.253-269, 2003.